



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13755 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT14 - Sociologia da Educação

**INICIATIVAS PIONEIRAS PARA A CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS DE PESQUISA:
ESTUDO DE CASO EM UMA IES DO SUL DO BRASIL**

Julia Larissa Borges Barcella - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

Luiza Turnes - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

**INICIATIVAS PIONEIRAS PARA A CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS DE PESQUISA:
ESTUDO DE CASO EM UMA IES DO SUL DO BRASIL**

Resumo: Mudanças decorrentes do processo de avaliação da pós-graduação (PG) no Brasil, na década de 1990, fizeram com que formas individuais de produção acadêmica dessem espaço a criação de coletivos, com os grupos e redes de pesquisa. Esse caminhar para o coletivo visava atender às demandas de produtividade dos pesquisadores e a consequente avaliação dos programas de pós-graduação (PPG) advindas dos órgãos de avaliação e financiamento. Objetiva-se, mediante um levantamento bibliográfico, apresentar as iniciativas para a criação de grupos e refletir sobre o que entrevistados da pesquisa, líderes de grupos de pesquisa vinculados a universidade pesquisada, relatam sobre suas trajetórias e as estratégias criadas para atender aos critérios estabelecidos pela avaliação do PPG. Utilizou-se como lentes interpretativas os estudos e noções do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002) para analisar o campo científico, o desenvolvimento de *habitus* desse pesquisador inserido em um campo de constantes disputas e quais as estratégias utilizadas para jogar o jogo dentro dessa ambiência. Constatou-se que o trabalho coletivo no campo científico é essencial para a sobrevivência dos intelectuais e, mesmo que fortemente induzida por políticas de avaliação, a criação de grupos/redes de pesquisa pode proporcionar relações mais solidárias do que solitárias no desenvolvimento científico na PG.

Palavras-chave: Grupos/Redes de pesquisa, Campo científico, Avaliação na pós-graduação.

As novas formas de fazer pesquisa, decorrentes de um processo de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que prioriza a produtividade, principalmente a partir dos anos de 1990, demanda estratégias dos pesquisadores que estão vinculados aos Programas de Pós-Graduação (PPG) para garantir uma boa avaliação e, conseqüentemente a liberação de recursos para as suas áreas de atuação. Alguns fatores, que aproximam a cultura universitária à lógica mercantil têm impactado no trabalho dos envolvidos com a PG, mais especificamente, dos pesquisadores, dentre eles: classificações, ranqueamentos, pressões por resultados, produtivismo ^[1] e a conseqüente avaliação positiva ou negativa advindas dos órgãos de avaliação e financiamento aos PPG. Conforme Hostins (2006, p.150),

[...] o ano de 1996 marca a proposição de mudanças na sistemática de avaliação da pós-graduação. A CAPES introduz um ‘novo paradigma de referência’, fortalecida pela concepção de que era necessário introduzir indicadores que pudessem expressar os níveis de concorrência e de competitividade entre os programas.

Nesse ínterim, este texto tem como objetivo apresentar alguns resultados de uma pesquisa de doutoramento realizada em uma universidade federal do sul do Brasil. O recorte temático realizado está vinculado a criação de grupos de pesquisa nas universidades, isto é, esse movimento de se caminhar para o coletivo, criando parcerias, para, além de outros fatores, dar conta do quesito produtividade dos órgãos de avaliação da pós-graduação (PG) no Brasil.

Para compreender como ocorreu a criação dos grupos de pesquisa no Brasil foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a institucionalização e o funcionamento da PG *stricto sensu* no qual verificou-se que a formação de grupos de pesquisa e a constituição de redes colaborativas teve como protagonistas os pesquisadores, todavia, também é consequência de uma indução dos órgãos de avaliação e financiamento com o intuito de garantir melhores resultados dos envolvidos com a PG.

A partir bibliográfica revelou que três iniciativas podem ser consideradas pioneiras para constituição desses grupos. A primeira iniciativa foi a criação dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais (CRPE) ^[2], proposto pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e em funcionamento entre as décadas de 1950 e 1960. Os CRPE tinham como objetivo subsidiar políticas educacionais mediante a pesquisa acerca

da realidade educacional brasileira a partir da visão das Ciências Sociais sobre a educação. A segunda iniciativa, proposta pelo Estado de Santa Catarina, foi a criação, em 1963, do Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais (CEPE/SC) [3] que tinha como meta intensificar a discussão educacional indicando elementos, por meio do desenvolvimento de pesquisas, que contribuíssem para um projeto educacional para a educação catarinense. E a terceira iniciativa foi o Programa de Intercâmbio [4], voltado a estágio de pesquisadores, financiado pelo CNPq e pela CAPES que funcionou de 1981 a 1992. Esse Programa contribuiu, especialmente, na constituição e afirmação de muitos Grupos de Trabalho (GTs) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), bem como na própria forma de atuação da Associação. Foi extinto, principalmente, pelas dificuldades enfrentadas a partir das transformações políticas de fomento que ocorrem nos anos de 1990.

Tendo em vista essas iniciativas para a formação de grupos, criou-se em 1992, o Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para garantir uma maior visibilidade aos pesquisadores líderes dos grupos e seus integrantes, além de divulgação das linhas de pesquisas das quais fazem parte e das temáticas de estudo. A partir desse levantamento, optamos por desenvolver a pesquisa com todos os 624 líderes de grupos de pesquisa cadastrados nessa base de dados, ou seja, no DGP e vinculados a universidade escolhida como campo científico da pesquisa. Entretanto, nesse trabalho, trataremos para a reflexão alguns excertos das 13 entrevistas [5] realizadas com líderes de grupos de pesquisa quando tratam das suas trajetórias enquanto pesquisadores e da relação com os grupos de pesquisa.

Sinteticamente, os depoentes indicam que a criação dos grupos de pesquisa possibilitou novas formas de trabalho, principalmente se considerarmos a demandada produtividade acadêmica e a constituição de redes de pesquisa (LEITE, LIMA et al, 2012, p. 293-294) e como esse processo habilita novas práticas na ambiência universitária. As manifestações vão no sentido de que o desenvolvimento de novos *habitus* [6] são exigidos dos pesquisadores para que eles possam atender as exigências previstas para a produção e formação do/no campo científico [7].

Nesse contexto, apresentaremos alguns elementos da trajetória dos líderes de grupos de pesquisa e como eles foram se constituindo pesquisadores dentro dos PPG. Quando nos referimos a noção de trajetória estamos relacionando-a à formação do sujeito socialmente construído (BOURDIEU, 1988). Nesse sentido, não há como deslocarmos a noção de trajetória mencionada por Bourdieu da noção de *habitus*, por isso é essencial compreendermos como os líderes de grupos de pesquisa se constituíram enquanto pesquisadores, como foram se inserindo em grupos/redes de pesquisa e quais as estratégias criadas visando atender as novas demandas e jogar o “jogo” no/do campo científico.

Dentre os 13 entrevistados, três discorrem que suas trajetórias atravessam a história de

criação dos PPG dos quais fazem parte. Um dos depoentes assim se manifesta:

Nós demoramos quatro a cinco anos para criar o programa. Nós fomos etapa por etapa. Quando submetemos a proposta para a CAPES, a CAPES não mudou uma linha. Mandamos em abril, e quando foi maio, junho eles aprovaram e aí nós ficamos surpresos porque esperávamos começar no ano seguinte. Mas a nossa formação, é uma formação de fazer ciência muito forte, tanto aplicada quanto ciência básica. [...] em um curto espaço de tempo, de três passamos para quatro, para cinco e já estamos no terceiro período com nota seis. Nós vamos ter uma dificuldade para ir para sete porque nós somos um grupo pequeno, nós optamos por ser pequenos. E não entra nenhum professor e não permanece nenhum professor se o padrão da CAPES para a nota seis não for obtido por cada professor. (E5^[8], 2019).

Nesse depoimento podemos inferir que há uma preocupação do entrevistado em discorrer brevemente sobre como o Programa do qual ele faz parte foi aumentando a sua nota conforme as avaliações da CAPES. Além disso, O entrevistado indica que existem estratégias para a seleção de professores que precisam ser “padrão CAPES para nota seis” e afirma que haverá uma dificuldade em aumentar a nota para sete, visto que se optou por ser um programa com um número de professores reduzido.

Seguindo uma linha de ênfase na avaliação da CAPES outra entrevistada assim se manifesta:

Desde que eu entrei na UFSC, em 2002, como professora, ajudei a criar o programa de pós-graduação que iniciou com nota três, depois subiu para quatro. Esse programa sempre teve um perfil internacional porque a tradução é inerente. A tradução, a questão de lidar com outras culturas, outras línguas, e nós sempre tivemos aqui pesquisadores internacionais, que vieram para o programa como convidados. Depois nós solicitamos o doutorado. O doutorado foi criado com nota cinco e eu fui coordenadora do programa algumas gestões e sempre tivemos uma política de abertura para pesquisadores estrangeiros, seja com bolsas de professor visitante CAPES ou via CNPq. E, depois de um determinado tempo, a UFSC abriu vagas para professores visitantes estrangeiros [...] aliás fomos o primeiro programa a ter o professor visitante estrangeiro UFSC. (E7, 2019).

Além de se referir sobre a criação do PPG, a líder de grupo de pesquisa, indica que havia um perfil internacional que era inerente às atividades do Programa desde a sua criação, uma vez que a troca entre os pares se dava no âmbito nacional e internacional. A depoente, em outro momento da entrevista, afirma que a maioria dos professores que compuseram o Programa, em seu início, fizeram ou seus doutorados em universidades estrangeiras, o que contribuiu para criar esse “perfil internacional” do Programa.

Uma das entrevistadas que também auxiliou na construção do PPG depõe,

especificamente, sobre a criação de grupos de pesquisa:

Eu vim de Santa Maria, em 1976, quando foi criada a primeira turma de mestrado acadêmico [do curso]. [...] E, na época, já em 1977, início de 1978 nós já estávamos criando o primeiro grupo de pesquisa. Nós temos uma história de que os grupos de pesquisa eram fundamentais na época. Eu criei já em 1980, na verdade saiu como grupo mesmo, registrado, cadastrado no sistema foi em 1988 e na nossa área nós criamos na época algo como 12 grupos de pesquisa e depois foi proliferando, alguns não rendeu bem, outros estão aí. Comemoramos esse ano 30 anos, outros estão comemorando mais. (E8, 2019).

Os depoimentos apresentam a ideia de como os pesquisadores foram criando estratégias para fazerem com que seus Programas fossem considerados de excelência mediante avaliação da CAPES tendo como um dos elementos chave o fortalecimento dos seus grupos/redes de pesquisa para a produção e socialização do conhecimento.

Constatamos que o trabalho coletivo no campo científico é essencial para a sobrevivência dos intelectuais e, mesmo que fortemente induzida por políticas de avaliação, a criação de grupos/redes de pesquisa pode proporcionar relações mais solidárias do que solitárias no desenvolvimento científico na PG. Nesse contexto, urge a necessidade da formação de pesquisadores ter como parâmetro, além de formar profissionais capacitados a atuar em um mundo globalizado, a formação de pessoas que criem relações solidárias com os seus pares e que reflitam acerca das relações de disputas que são travadas no campo científico.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O campo científico**. In: ORTIZ, R. (Org). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.

FERREIRA, M. S. Os Centros de Pesquisas Educacionais do INEP e os estudos em ciências sociais sobre a educação no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro e Campinas: ANPED e Autores Associados, v. 13, n. 38, p. 279-292, maio/ago. 2008.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de grupos e redes de intercâmbio em pesquisa educacional: dialogia e qualidade. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro e Campinas: ANPED e Autores Associados, n. 30, p. 124-132, set./dez. 2005.

HOSTINS, Regina Célia Linhares. **Formação de pesquisadores na pós-graduação em educação**: embates ontológicos e epistemológicos. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2006.

LEITE, Denise; LIMA, Elizeth Gonzaga dos Santos. **Conhecimento, Avaliação e Redes de Colaboração**: produção e produtividade na universidade. Porto Alegre, RS. Editora Sulina, 2012.

MELO, M. M. R. **Sílvio Coelho dos Santos - um intelectual moderno no Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais (CEPE) - SC**: pertencimento, missão social e educação para a formação/modernização (1960/1970). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.

SGUISSARDI, Valdemar.; SILVA JUNIOR, João dos Reis. **Trabalho intensificado nas federais**: pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.

SILVA JUNIOR, João dos Reis. **Pragmatismo e populismo na educação superior nos governos FHC e Lula**. São Paulo: Xamã, 2005.

[1] O produtivismo acadêmico caracteriza-se pela valorização da quantidade da produção acadêmica secundarizando sua qualidade. Com isso, há uma tendência em fazer com que as universidades se tornem prestadoras de serviços para o mercado (SILVA JUNIOR, 2005; SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, 2009) fazendo com que seja estimulada uma competitividade que pode trazer efeitos deletérios para a vida do pesquisador.

[2] Mais informações sobre os CRPE podem ser encontradas em Ferreira (2008).

[3] Para mais detalhes sobre o CEPE/SC consulte Melo (2008).

[4] Uma visão da concepção, constituição e do funcionamento desse Programa de Intercâmbio na área de pesquisa educacional é encontrada em Gatti (2005).

[5] Essas entrevistas foram realizadas durante o período de doutorado e tinham o intuito de aprofundar as questões que emergiram do questionário.

[6] Conforme Bourdieu (1983, p. 79), *habitus* é “[...] produto do trabalho de inculcação e de apropriação necessário para que esses produtos da história coletiva [...] consigam reproduzir-se, sob a forma de disposições duráveis, em todos os organismos duravelmente submetidos aos mesmos condicionamentos”.

[7] É um universo intermediário entre os dois polos, lugar onde “estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem [...] a ciência”. (BOURDIEU, 2004, p. 20).

[8] Visando manter o anonimato dos/as entrevistados/as optamos por utilizar a letra “E”, acrescida do número de cada entrevistado/a conforme a ordem cronológica de realização da entrevista e o ano de realização.